

Este trabalho analisa o processo de (re)territorialização pelo qual passam os migrantes sazonais que vendem redes, mantas, roupas, chapéis e assemelhados, durante a temporada de verão nas praias do RS e SC, e quais as consequências desse processo nas trajetórias desses “perâmbulos praianos”. Também analisa alguns desdobramentos sobre a influência das concorrências de mercado nas condições de trabalho desses migrantes. Esse recorte foi feito sobre o tema geral estudado na pesquisa “Perâmbulos Praianos: perfil e mundo dos trabalhadores de areia do RS e SC”. A metodologia utilizada combinou métodos qualitativos de observação participante junto ao grupo estudado, com métodos quantitativos de entrevistas estruturadas com perguntas abrangentes – respostas induzidas e espontâneas – sendo 105 aplicadas no verão de 2011 nas praias do RS e 33 no verão de 2012 nas praias de SC, além de pesquisa bibliográfica sobre o assunto. A combinação entre métodos possibilita o uso do caso particular como corretivo das generalizações. Esses trabalhadores migrantes são originários, em sua maioria, dos estados da Paraíba, de Goiás e de Minas Gerais. É um tipo de migração inter-regional de caráter sazonal, visto que os agentes rumam de uma região do País para outra nos meses do verão. A pesquisa identificou dois tipos de migrantes: os vendedores de redes, ou “redeiros”, originários da Paraíba, ficam alojados de forma coletiva independente de vínculos familiares, são agenciados por um “patrão”, com migrantes exclusivamente masculinos e os vendedores de roupa, na maioria originários do norte de Minas, organizados a partir de grupos familiares e um terço composto por mulheres. Partindo da perspectiva relacional do conceito de território, conforme Haesbaert(2004), o processo de territorialização acontece pela dominação funcional e apropriação simbólica do espaço. Apesar das diferenças os dois tipos de migrantes mantêm características apreendidas na sua territorialização primária, formadora de uma identidade sociocultural, expressa pela linguagem, gostos e sonhos comuns aos migrantes de um mesmo tipo. Entretanto, ao chegar às praias do RS e SC esses “Perâmbulos Praianos” precisam se relacionar com o novo território, ou seja, precisam de uma (re)territorialização. Nesse processo os migrantes assimilam novas informações e novas maneiras de ser, assim redimensionam sua cidadania e alteram sua visão de mundo. Essas novas perspectivas marcam suas trajetórias e eles as levam quando retornam à sua terra natal. Tais perspectivas novas também sofrem influência do estranhamento entre campo e cidade, pois muitos destes migrantes vêm do meio rural e passam por uma nova territorialização num ambiente não rural. Outra questão observada em campo foi a vulnerabilidade que se encontram esses trabalhadores migrantes frente às disputas de mercado. Por competir com comerciantes e ambulantes locais pelos mesmos clientes e por depender dos alvarás para trabalhar livremente, esses trabalhadores são o elo mais fraco da disputa, pois sem a liberação dos alvarás as condições de trabalho se tornam difíceis e as perspectivas para o futuro incertas. As conclusões são relativas, visto que não se observou as consequências desse processo na terra natal dos migrantes.